

# REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 20 – Número 40 – Dezembro / 2019

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON-LINE)

DEZEMBRO / 2019

## O DESAFIO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS INCLUSIVAS: UMA REFLEXÃO, À LUZ DA TEOLOGIA REFORMADA, DA TEOLOGIA *QUEER* EM UMA IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM-PA

*Dr. Samuel Marques Campos*

*Bianca Rego Farias*



O DESAFIO DAS IGREJAS  
EVANGÉLICAS INCLUSIVAS: UMA  
REFLEXÃO, À LUZ DA TEOLOGIA RE-  
FORMADA, DA TEOLOGIA *QUEER* EM  
UMA IGREJA EVANGÉLICA DE CON-  
FISSÃO LUTERANA DA REGIÃO ME-  
TROPOLITANA DE BELÉM-PA

The challenge of inclusive evangelical churches: a reflection, in the light of reformed theology, of *queer* theology in an Evangelical Church of Lutheran Confession of the metropolitan region of Belém-PA

*Dr. Samuel Marques Campos<sup>1</sup>*  
*Bianca Rego Farias<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA-UFPA), Mestre em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará (PPGCR-UEPA). Possui os cursos livres de Especialização e Mestrado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista Equatorial (STBE), mantenedora da Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). É Coordenador de Extensão, Subcoordenador do Centro Missiológico Equatorial (CEME) e Docente Acadêmico na FATEBE (Graduação e Pós-Graduação *lato sensu*), atuando também no Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Graduação em Teologia da referida instituição. E-mail: samcampos81@gmail.com

<sup>2</sup> Bacharela em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). E-mail: bianca.rfarias@hotmail.com

## RESUMO

Tendo em vista que igrejas protestantes inclusivas, do Brasil e do mundo, têm adotado uma visão que não reconhece mais a homossexualidade como um pecado, esse artigo visa fazer uma reflexão acerca da teologia *queer* à luz da perspectiva reformada. Esse trabalho está organizado em três partes. Na primeira foi realizado um estudo em uma igreja inclusiva da região metropolitana de Belém-PA, pertencente à Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil. Fez-se um breve panorama histórico sobre o surgimento dessa denominação no Brasil e, também, como ocorreu o seu estabelecimento em Belém-PA. Foram discutidas suas preferências teológicas, sendo realizadas pesquisas em artigos e entrevistas com a liderança e membros homossexuais da igreja, a fim de entender o seu posicionamento sobre esta temática. Em seguida, foi feito um breve panorama histórico e apresentada a hermenêutica bíblica advogada pelos adeptos da teologia *queer*, sendo ressaltada a forma como reinterpretam textos bíblicos. Na terceira parte, foram feitas reflexões acerca da hermenêutica reformada e como os que a advogam, por sua vez, interpretam textos bíblicos relacionados à homossexualidade. Nas considerações finais, recapitulou-se o que foi tratado, evidenciando que a proposta da teologia *queer* constitui-se em um desafio contemporâneo ao cristianismo e caracteriza-se, de acordo com a teologia reformada, como um novo ensino, diferente do que tem sido defendido pelo cristianismo histórico.

**Palavras-chave:** Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil. Homossexualidade. Teologia *queer*. Teologia reformada.

## ABSTRACT

Given that inclusive Protestant churches from Brazil and the world have adopted a view that no longer recognizes homosexuality as a sin, this article aims to reflect on *queer* theology in the light of the reformed perspective. This work is organized in three parts. In the first, a study was conducted in an inclusive church in the metropolitan region of Belém-PA, belonging to the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil. A brief historical overview was given about the emergence of this denomination in Brazil, as well as its establishment in Belém-PA. Their theological preferences were discussed, and research was conducted on articles and interviews with church leaders and homosexual members to understand their position on this topic. Then a brief historical overview was made and the biblical hermeneutics advocated by *queer* theology advocates was presented, emphasizing the way they reinterpret biblical texts. In the third part, reflections were made about the reformed hermeneutics and how those who advocate it, in turn, interpret biblical texts related to homosexuality. In the final considerations, it was recapitulated what was treated, showing that the proposal of *queer* theology constitutes a contemporary challenge to Christianity and is characterized, according to the reformed theology, as a new teaching, different from what has been defended by historical Christianity.

**Keywords:** The Evangelical Church of the Lutheran Confession in Brazil. Homosexuality. *Queer* theology. Reformed theology.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos têm-se visto notícias de igrejas protestantes que mudaram suas concepções acerca do comportamento homoafetivo. Aqui no Brasil, essa mudança tem ocorrido, por exemplo, em igrejas de confissões Anglicanas<sup>3</sup>, Luteranas<sup>4</sup> e até Batistas<sup>5</sup>. Essa situação tem se mostrado um desafio a igrejas protestantes históricas. Por isso, este artigo propõe-se a estudar, sob a óptica da teologia reformada, a teologia *queer*, também considerada como a teologia homossexual, que tem sido adotada por diversas igrejas classificadas como “inclusivas”.

Para isso, fez-se um estudo em uma congregação pertencente à Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, localizada na Região Metropolitana de Belém-PA, que inclui homossexuais em seu rol de membros. Para desenvolver este estudo, primeiro foi feito um breve panorama histórico sobre o surgimento da IECLB no Brasil e, também, seu estabelecimento em Belém/PA, bem como foram realizadas entrevistas com a liderança e membros homoafetivos da igreja, a fim de entender o seu posicionamento sobre a homossexualidade.

Em seguida, traçou-se um breve panorama histórico acerca da teologia *queer*, sendo apresentados os seus pressupostos e como essa perspectiva interpreta textos bíblicos que abordam sobre a homossexualidade. Como o objetivo deste trabalho é analisar a abordagem inclusiva sob a perspectiva reformada, dessa forma, foi trabalhada a hermenêutica reformada, a fim de evidenciar as diferenças entre esses dois sistemas de pensamen-

<sup>3</sup> Cf. IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL. **IEAB emenda seus cânones e permite o matrimônio entre pessoas do mesmo sexo**. Disponível em: <http://sn.ieab.org.br/2018/06/01/ieab-emenda-seus-canones-e-permite-o-matrimonio-entre-pessoas-do-mesmo-sexo/>. Acesso em: 02 set. 2019

<sup>4</sup> No decorrer do texto faremos referências a esse debate nessa denominação.

<sup>5</sup> Cf. CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Declaração da Diretoria da Convenção Batista Brasileira sobre a aceitação de pessoas homo afetivas no rol de membros da Igreja Batista do Pinheiro, Maceió, AL**. Disponível em: [http://batistas.com/images/pdfs/DÓC%20CBB%20-%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20BPinheiros\\_final.pdf](http://batistas.com/images/pdfs/DÓC%20CBB%20-%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20BPinheiros_final.pdf). Acesso em: 14 ago. 2019.

to. Por fim, nas considerações finais, foi feita uma reflexão crítica à teologia *queer* com base na hermenêutica bíblica reformada.

## 1. A IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA E O SEU POSICIONAMENTO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

No Brasil são identificados dois principais grupos luteranos: IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil), com características mais conservadoras e a IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) que apresenta uma releitura da teologia reformada de Martinho Lutero.

O foco deste tópico é estudar o posicionamento sobre a homossexualidade de uma Igreja da IECLB da Região Metropolitana de Belém-PA. Para isso, será apresentada uma breve história da IECLB no Brasil e seu estabelecimento, no final da década de 1960, em Belém-PA. Este estudo foi baseado em artigos científicos, textos da igreja, bem como em entrevistas realizadas com a liderança da igreja e com alguns membros homossexuais.

### 1.1 SURGIMENTO DA IECLB NO BRASIL

Os primeiros luteranos apareceram no Brasil já no século XVI. Em 1554, Hans Staden, presente em solo brasileiro, cantava hinos luteranos para os índios e construiu a primeira capela evangélica enquanto estava prisioneiro dos índios em Ubatuba-SP.<sup>6</sup> Porém, oficialmente, as primeiras comunidades começaram a surgir a partir dos anos de 1823 e 1824, quando um grupo de imigrantes alemães veio para o Brasil, trazendo consigo sua fé cristã e suas doutrinas baseadas no luteranismo. Esses imigrantes instalaram-se em Nova Friburgo-RJ (1823)

<sup>6</sup> IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA EM BELÉM. **A caminho em terras brasileiras:** A criação de comunidades evangélicas no Brasil. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo/a-caminho-em-terras-brasileiras>. Acesso em: 20 Ago. 2018.

e em São Leopoldo-RS (1824).<sup>7</sup>

Essa comunidade luterana, a princípio, vivia como um grupo isolado. Durante 40 anos, ainda não formaram igrejas organizadas e a própria igreja Luterana não havia ainda enviado nenhum pastor ou missionário para ajudar os grupos de evangélicos luteranos existentes no Brasil. Joachim Fischer afirma que, inicialmente, os imigrantes evangélicos foram esquecidos pelos irmãos de sua pátria. Assim, a organização da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil foi ocorrendo gradativamente.<sup>8</sup>

No Pará, essa presença luterana começou a surgir no final da década de 1960 e começo de 1970. Devido o resultado de políticas desenvolvimentistas do governo para modernizar o setor agrícola, muitos camponeses começaram a migrar das regiões rurais dos estados do centro-sul brasileiro para a região amazônica. Nesse grupo de pessoas estavam incluídos os evangélicos luteranos, os quais eram oriundos do campo e vieram para a região norte em busca de novas oportunidades.<sup>9</sup>

Dessa forma, em Belém do Pará, no final da década de 1960, já havia uma pequena comunidade luterana, composta por cerca de 30 famílias.<sup>10</sup> Destaca-se aqui a figura da pastora Marga Rothe,<sup>11</sup> que se empenhava em reunir essa comunidade, a fim de consolidar a IECLB em Belém. Após anos de esforço, a IECLB foi fundada em 1985 em Belém. No ano de 1987, Marga Rothe foi ordenada ao ministério pastoral, fato presenciado por comunidades ecumênicas, entidades populares e outras igre-

<sup>7</sup> FISCHER, Joachim. A presença luterana. In: Comissão Latino-Americana da Federação Luterana Mundial. **Uma coletânea de informações sobre a vivência dos evangélicos luteranos no Brasil**. São Leopoldo: Sinodal, 1970, p. 9.

<sup>8</sup> FISCHER, 1970, p. 9-10.

<sup>9</sup> GOMES, Ronaldo Martins. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Pará: opções teológicas, feminilidade e direitos humanos. In: BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira; REIS, Gustavo Sodati (Orgs.). *Evangélicos na Amazônia paraense*. Juiz de Fora: Siano, 2018, p. 63-64.

<sup>10</sup> GOMES, 2018, p. 63.

<sup>11</sup> Rosa Marga Rothe foi antropóloga e pastora luterana. Foi também uma ativista social em defesa dos direitos humanos. Fundou a Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos e foi a primeira ouvidora do Sistema de Segurança Pública do Pará. Faleceu, aos 76 anos, no dia 4 de junho de 2016.

jas.<sup>12</sup> Esses foram os primeiros passos para a história da IECLB em Belém, assim como sua atuação em movimentos sociais no estado do Pará.

## 1.2 A IECLB E SUA ATUAÇÃO EM MOVIMENTOS SOCIAIS NO PARÁ

A IECLB em Belém adotou como corrente teológica a Teologia da Libertação, que foi norteadora para a atuação da comunidade luterana em movimentos sociais na história paraense. A pastora Marga Rothe foi uma das principais articuladoras e incentivadora de sua comunidade luterana, estimulando seus membros a uma maior atuação social. Ela defendia abertamente uma posição em favor dos direitos civis, dos direitos humanos e da livre manifestação religiosa.<sup>13</sup>

Um episódio marcante desse ativismo foi o MLPA (Movimento pela Libertação dos Presos do Araguaia),<sup>14</sup> que teve início em conflitos de terras em que uma parte dos posseiros e religiosos envolvidos, incluindo padres, foi presa pela Polícia Federal. Assim, em uma atuação ecumênica, uniram-se diversas entidades civis e religiosas para reivindicar a libertação desses presos.<sup>15</sup> A IECLB teve uma forte influência nesse movimento, alcançando seus objetivos de libertação dos envolvidos. Sobre isso, Ronaldo Gomes comenta que: “O MLPA foi uma incontestável prova de que mesmo com uma comunidade pequena, morena, essencialmente feminina, as luteranas se mostraram efetivamente presentes nas lutas pelos direitos”.<sup>16</sup>

<sup>12</sup> GOMES, 2018, p. 67.

<sup>13</sup> GOMES, 2018, p. 68.

<sup>14</sup> Movimento que surgiu em 1981, no estado do Pará, com o objetivo de reivindicar a libertação de pessoas que foram presas de forma contestável em conflitos de terras na região do Araguaia. Cf. SILVA, Antônio Carlos Teles. As origens do movimento ecumênico da Amazônia paraense. 2005. 201 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, Porto Alegre, p. 86-135.

<sup>15</sup> GOMES, 2018, p. 77-78.

<sup>16</sup> GOMES, 2018, p. 79.

Outro desdobramento dessa opção teológica foi a adoção do ecumenismo pela IECLB. Para a pastora Marga Rothe, o MLPA foi a “sementeira” do ecumenismo na Amazônia.<sup>17</sup> Após o encerramento da mobilização pelos presos, deu-se continuidade a alguns projetos sociais na linha de educação popular, como alfabetização de adultos e formação de lideranças comunitárias.<sup>18</sup> Ao longo do tempo, foi amadurecendo a ideia de criar uma instituição compromissada com as causas sociais. Em resposta a isso, foi criado o UNIPOP (Instituto Universidade Popular) em 1987, que é uma instituição de caráter ecumênico no cenário contemporâneo religioso paraense<sup>19</sup> e, também, o CAIC (Conselho Amazônico de Igrejas Cristãs). Em todas essas atuações, a IECLB foi uma das principais protagonistas e, com isso, reafirmou a sua opção teológica pelo ecumenismo e pela militância em função dos grupos marginalizados pela sociedade, seguindo a linha da Teologia da Libertação.<sup>20</sup>

### 1.3 POSICIONAMENTO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

Em 1999, foi realizado na Casa Matriz das Diaconisas, em São Leopoldo-RS, um seminário pela IECLB para debater a possibilidade de inclusão e acolhimento de pessoas de orientação homossexual na igreja. Na época, o pastor presidente, Huberto Kirchheim, emitiu uma carta de manifestação oficial para a igreja nacional, transmitindo conselhos para lidar com tal questão, representando a IECLB. Nessa carta, argumenta-se que o amor incondicional de Deus engloba todas as pessoas e, “por isso, como comunidade cristã, não podemos aceitar que pessoas sejam marginalizadas ou excluídas da convivência social e comunitária”.<sup>21</sup>

<sup>17</sup> SILVA, 2005, p. 141.

<sup>18</sup> SILVA, 2005, p. 141-142.

<sup>19</sup> GOMES, 2018, p. 81.

<sup>20</sup> GOMES, 2018, p. 81-82.

<sup>21</sup> KIRCHHEIM, Huberto. Portal Luteranos. **Homossexualidade – 1999**. Mai. 1999. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo/homossexualidade-1999>. Acesso em: 27 nov. 2018.

Foi argumentado que sempre houve homossexuais no meio cristão, inclusive dentro da comunidade da IECLB e entre seus colaboradores e colaboradoras. Em vista disso, a igreja entendeu ser necessário debater sobre a homossexualidade, argumentando que era uma realidade que sempre existiu na comunidade cristã. Contudo, Kirchheim admitiu que ainda não havia consenso no debate sobre a homossexualidade dentro da própria IECLB. Havia um grupo de luteranos que interpretava o relacionamento homossexual como pecado e como uma distorção da ordem natural, homem e mulher, estabelecida por Deus. Porém, estava surgindo outro grupo que defendia a orientação homossexual como algo imutável e que não poderia ser corrigido. Segundo Kirchheim, esse último grupo luterano analisa as passagens bíblicas de forma peculiar “a partir do seu contexto, no qual estavam relacionadas com a questão da idolatria e do poder, tirando-lhes assim o caráter condenatório”.<sup>22</sup>

Em 2001, a IECLB emitiu outra manifestação oficial posicionando-se a respeito da ordenação de homossexuais para o ministério eclesiástico. Sobre isso, a Igreja pronunciou o seguinte:

Não negamos que pessoas homossexuais, que vivem a sua condição sem causar escândalo, podem realizar um trabalho abençoado na comunidade, ao colocarem a serviço do Evangelho os dons que Deus lhes deu. Mas constatamos também que, no momento atual da Igreja, não há condições de uma pessoa homossexual praticante assumir o exercício público do ministério eclesiástico na IECLB.<sup>23</sup>

Até o presente momento, a IECLB ainda mantém esse mesmo posicionamento. Algumas igrejas locais, como a analisada na Região Metropolitana de Belém-PA, decidiram realizar casamentos homossexuais, mas não houve casos de ordenação ao ministério.

<sup>22</sup> KIRCHHEIM, 1999.

<sup>23</sup> PORTAL Luteranos. **Ministério Eclesiástico e Homossexualidade** – 2001. Posicionamento do Conselho da Igreja. Ago. 2001. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo/ministerio-eclesiastico-e-homossexualidade-2001>. Acesso em: 27 nov. 2018.

A professora Maria Betânia,<sup>24</sup> líder da igreja pesquisada, para fazer compreender o posicionamento da igreja, explicou que:

A IECLB não é uma igreja monolítica. Hoje, identificam-se três grupos<sup>25</sup> na Luterana: a Tradicional, encabeçada pelos alemães que são ligados a tradição alemã. [...] No período da ditadura militar, nos anos 60 e 70, e muito mais nítido nos anos 80, forma-se um grupo que se identifica como Pastoral Popular Luterana (PPL), que é um grupo ligado à Teologia da Libertação e são eles que vão soprar sobre nós e influenciar a Marga Rothe. E lá pelos anos 90, com essa *vibe* carismática, surge um grupo evangélico que reivindicava o retorno ao Evangelho vivido pelas primeiras comunidades. Esse grupo era ligado ao movimento Encontrão, ou chamado também de Rebanhão. Hoje, esses três grupos ainda continuam a ter conflitos. Nós, aqui em Belém, somos ligados ao movimento da Teologia da Libertação. Em nossa paróquia, você vai encontrar programações sobre passeata do MST, celebração ecumênica etc., porque nós estamos em uma teologia que nos faz encontrar com a dor do povo (informação verbal).<sup>26</sup>

80

Por estar pautada na Teologia da Libertação, essa igreja caracteriza-se por ser uma igreja que se envolve em movimentos sociais em favor daqueles que são considerados marginalizados pela sociedade. Em vista disso, a liderança luterana de Belém decidiu incluir pessoas de orientação homossexual em sua membresia. Além disso, já foram realizados casamentos entre pessoas do mesmo sexo nessa igreja.

Entrevistou-se Roberta e Carla<sup>27</sup> que realizaram cerimônia de casamento na igreja. Elas são membros dessa comunidade

<sup>24</sup> Nome fictício.

<sup>25</sup> Aqui a entrevistada considera o Movimento Encontrão como outro movimento, de cunho mais carismático, além da IELB e a IECLB.

<sup>26</sup> BETÂNIA, Maria. **Entrevista I**. [nov. 2018]. Entrevistadora: Bianca Rego Farias. Belém/PA, 2018. 1 arquivo .mp3 (38min. 53s.).

<sup>27</sup> Nomes fictícios.

evangélica e se identificaram como pessoas de orientação homossexual há muitos anos. Também se consideram cristãs desde a infância. Carla afirma que foi nessa igreja que foram acolhidas como “membros para somar e entrar nessa ciranda da espiritualidade, do diálogo, do afeto, da fé” (informação verbal).<sup>28</sup> Em concordância, Roberta também comentou:

Nós fomos acolhidas e reconhecidas na nossa individualidade e orientação sexual e, depois, como família. Isso nos fez permanecer e também desejar casar na Igreja Luterana. Quando chegamos nessa igreja, já estávamos juntas há seis anos (informação verbal).<sup>29</sup>

A igreja caracteriza-se por considerar pessoas homossexuais como irmãs em Cristo, membros comungantes e atuantes nas atividades da comunidade. Além disso, Maria Betânia afirma que esse arranjo familiar “está dentro dos padrões de família considerados por Deus” (informação verbal).<sup>30</sup>

Isso ocorre porque a IECLB apresenta, como proposta, uma releitura da teologia reformada de Martinho Lutero e de passagens bíblicas, a fim de se adequarem com a cultura e o contexto social contemporâneos. Em vista disso, André Musskopf,<sup>31</sup> teólogo luterano alinhado à Teologia da Libertação, entende que, diante da emergência de novos sujeitos teológicos, tais como os grupos homossexuais, é necessário pesquisar e desenvolver uma teologia gay, também chamada de teologia *queer*, para ser apli-

<sup>28</sup> ROBERTA; CARLA (nomes fictícios). Entrevista II. [Nov.2018]. Entrevistadora: Bianca Rego Farias. Belém/PA, 2018. 1 arquivo .mp3 (38 min. 45s).

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> BETÂNIA, 2018.

<sup>31</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia na Cátedra de Teologia e Gênero e integra a Coordenação do Programa de Gênero e Religião da Faculdade EST. Possui graduação (2001), mestrado (2004) e doutorado (2008) em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Realizou intercâmbios de estudos nos Estados Unidos e Canadá. Líder e pesquisador do Núcleo de Pesquisa de Gênero nas áreas de: Estudos Feministas, Estudos de Gênero, Estudos *Queer*, Masculinidade, Homossexualidade e Diversidade Sexual, na sua relação com Teologia e Religião. Palestrante sobre as temáticas de especialização em eventos acadêmicos, religiosos, com grupos de base e movimentos sociais, no Brasil e internacionalmente.

cada à realidade brasileira.<sup>32</sup>

## 2. APRESENTANDO A TEOLOGIA *QUEER*

Para que se possa compreender teologia *queer* é necessário entender o contexto histórico que serviu de pano de fundo para o desenvolvimento do seu sistema teológico e de sua hermenêutica, os quais são opostos à teologia e hermenêutica reformada.

### 2.1 PANO DE FUNDO PARA O SURGIMENTO DE UMA TEOLOGIA *QUEER*

No fim do século XIX, inicia-se a chamada primeira onda do movimento feminista, caracterizado por um movimento de mulheres que reivindicavam direitos igualitários. A princípio, era um movimento sufragista<sup>33</sup> que cresceu principalmente na Inglaterra e nos EUA. Nesses países, o crescimento do liberalismo político<sup>34</sup> foi o embasamento necessário para a reivindicação dos direitos das mulheres. Elas eram chamadas de sufragetes. Promoveram grandes manifestações e conquistaram o direito ao voto.<sup>35</sup>

No Brasil, esse movimento sufragista é liderado por Bertha Lutz, uma bióloga e cientista, considerada um ícone da história feminista no país. Iniciou sua luta em 1910. Fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino por meio da qual fizeram reivindicações pelo voto feminino, o qual foi conquistado em 1932.<sup>36</sup>

82

<sup>32</sup> CENTRO de Estudos Bíblicos. “Uma brecha no armário” para entender a diversidade [Entrevista com André Musskopf]. São Leopoldo – RS. Disponível em: <https://cebi.org.br/noticias/uma-brecha-no-armario-para-entender-a-diversidade-entrevista-com-andre-musskopf/>. Acesso em: 30 nov. 2018.

<sup>33</sup> Luta pelo direito ao voto feminino. MARCELINO, Giovanna. As sufragistas e a primeira onda do feminismo. Disponível em: [movimentorevista.com.br/2018/02/3801/](http://movimentorevista.com.br/2018/02/3801/). Acesso em: 05 mai. 2018.

<sup>34</sup> John Stuart Mill defendia a igualdade política entre os sexos e afirmava que nenhuma sociedade poderá ser realmente livre se as mulheres ainda se encontram oprimidas. Outra autora que também escrevia sobre o pensamento feminista como produto do pensamento liberal foi Mary Wollstonecraft, em seu livro *A Vindication of the Rights of Women* (1792).

<sup>35</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010, p. 15.

<sup>36</sup> PINTO, 2010, p. 16.

Porém, no século XX, as discussões acerca dos direitos das mulheres tornaram-se mais abrangentes, alcançando assuntos da vida privada como o aborto, sexo e uso de contraceptivos. Nesse contexto, a publicação de um livro tornou-se fundamental nessa luta feminista e marcou o início de uma nova onda no movimento feminista: “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. Nessa obra, Beauvoir questiona o determinismo biológico institucionalizado pela ciência. É desse livro que Simone de Beauvoir cita a famosa máxima: “não se nasce mulher, torna-se mulher”.<sup>37</sup>

Em meio ao impacto dessa obra e da efervescência das discussões em torno da mulher, movimentos cristãos também começam a receber influências, marcando a emergência de uma teologia feminista. Mary Daly publica os livros *The Church and the Second Sex* (1968) e *Beyond God the Father* (1973).

Junto a isso, há também o crescimento do movimento homossexual, no final da década de 1960. Um dos ícones desse movimento é Troy Perry, que era um pastor homossexual e foi expulso de sua igreja, fundando, assim, uma igreja inclusiva em que são aceitas pessoas de orientação sexual diversa. Dessa forma, entende-se que o movimento feminista foi fundamental para o surgimento da teologia *queer*.<sup>38</sup>

Nesse mesmo período, há uma efervescência de movimentos semelhantes ao feminismo. Na América Latina, a teologia da libertação começa a ganhar cada vez mais espaço, pois denunciava, segundo o seu entendimento, as relações sociais de dominação, opressor e oprimido, e defende a inclusão dos excluídos, das classes marginalizadas pela sociedade. Gutiérrez afirma que a teologia da libertação não se restringia somente a questão

<sup>37</sup> BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: a experiência vivida. 2.ed. Difusão Europeia do Livro, 1970, p. 9

<sup>38</sup> COELHO JUNIOR, Carlos Lacerda. A emergência de uma teologia *queer*: uma breve análise sobre as influências do movimento feminista e homossexual no processo de reconfiguração do sagrado. Universidade Federal de Alagoas: PPGS/ICS/UFAL, 2012. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/view/114>. Acesso em: 15 nov. 2018, p. 10.

econômica ou social do pobre, mas também abrange outras vertentes da sociedade como a questão do papel da mulher e da discriminação racial:

Povos dominados, classes sociais exploradas, raças desprezadas e culturas marginalizadas foi uma fórmula frequente- à qual se tornou uma permanente referência à discriminação da mulher – para falar da injusta situação dos pobres do no marco da teologia da libertação [...] Estamos convencidos de que continua vigente a necessidade de assinalar essa dimensão da realidade se não quisermos passar superficialmente pela situação do pobre, mas afirmamos igualmente que também é necessário estar atentos a outras vertentes.<sup>39</sup>

Dessa forma, a teologia da libertação, que veio como uma possível resposta aos anseios e às necessidades de uma classe marginalizada, também lançou os fundamentos para a emergência de vertentes teológicas de grupos considerados excluídos. Além da teologia feminista e da emergência de seu movimento, há também o crescimento do movimento afro e suas influências na sociedade, refletindo também na teologia. James H. Cone publica as primeiras obras sobre teologia negra, que foram: “Teologia Negra e Poder Negro” (1969) e “Uma Teologia Negra da Libertação” (1970), que defende a libertação de um grupo oprimido por causa de sua raça.

Musskopf entende que em meio a esse contexto é que surge o moderno movimento homossexual.<sup>40</sup> A palavra *queer* significa literalmente “estranho”, “esquisito”, e era usada em tom depreciativo para se referir aos homossexuais, porém, com o tempo, o termo *queer* passou a representar um grupo de pessoas que queria romper com os padrões sexuais definidos e trazer à tona grupos que

<sup>39</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. Teologia da Libertação: perspectivas. São Paulo: Loyola, 2000, p. 16-17.

<sup>40</sup> MUSSKOPF, André Sidnei. À meia luz: a emergência de uma teologia gay, seus dilemas e possibilidades. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo – RS: Instituto Humanas Unisinos, ano 3, n. 32, 2005. Disponível em: <http://hermeneuticadosexcluidos.blogspot.com/2011/06/hermeneutica-queer-teoria-e-metodos.html>. Acesso em: 05 mai. 2018, p. 5.

antes eram marginalizados pela sociedade por possuírem condutas sexuais fora dos padrões. Esse grupo inclui travestis, *drag-queens*, transexuais e toda orientação sexual que não é socialmente aceita e que é considerada estranha ou aberração.<sup>41</sup>

Em 1990, Teresa de Lauretis, em uma conferência na Califórnia, usa o termo *queer* para se referir ao conceito de sexualidade homossexual. Porém, desde a década de 1980, nos Estados Unidos, já estavam sendo desenvolvidos diversos estudos por pesquisadores sobre o papel da sexualidade na construção social e histórica<sup>42</sup> e basearam suas análises no pensamento de filósofos pós-estruturalistas.

O pós-estruturalismo emergiu como uma corrente que procura desconstruir verdades absolutas e centrais.<sup>43</sup> Uma das principais características dessa filosofia é a perspectiva sobre a centralidade do sujeito, pois esse não é mais visto como um ser essencialista e universal, mas é compreendido a partir de experiências, contextos e posições diversas que ele pode ocupar.<sup>44</sup> Além do mais, essa corrente traz uma análise mais abrangente sobre as relações de dominação. Para o pós-estruturalismo, essas relações vão além da divisão de classes e do aspecto econômico, pois atinge também as relações de raça, etnia, gênero e sexualidade.<sup>45</sup>

Essa perspectiva pós-estruturalista trouxe a fundamentação teórica para a teoria *queer*. Os pesquisadores, entre as décadas de 1980 e 1990, começaram a questionar a heterossexualidade dominante e normativa na sociedade, enquanto que a

<sup>41</sup> BLOG A TEOLOGIA DO DIFERENTE. Hermenêutica *queer*: teoria e métodos. Salvador, 2011. Disponível em: <http://hermeneuticadosexcluidos.blogspot.com/2011/06/hermeneutica-queer-teoria-e-metodos.html>. Acesso em: 05 mai. 2018.

<sup>42</sup> MISKOLCI, Richard. A teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 150-182, p. 2.

<sup>43</sup> AGUILAR, Márcia Adriana Brasil; GONÇALVES, Josiane Peres. Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de sua história e propostas. **Revista Conhecimento Online**, ano 9, v. 1, p. 36-44, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/issue/view/63/showToc>. Acesso em: 07 mai. 2018, p. 2.

<sup>44</sup> AGUILAR, 2017, p. 3.

<sup>45</sup> AGUILAR, 2017, p. 3.

homossexualidade era caracterizada como um desvio de padrão. Em contraste a isso, os teóricos *queer* começaram a repensar esses conceitos, enfatizando o estudo das minorias sexuais e da heteronormatividade.

Miskolci explica que a “Heteronormatividade se refere às normas sociais que impõem não necessariamente a heterossexualidade em si, mas seu modelo a outras relações, inclusive entre pessoas do mesmo sexo”.<sup>46</sup> Portanto, essa teoria trouxe o conceito de múltiplas identidades sexuais, questionando até mesmo o dualismo homo/heterossexual, pois as categorias são diversas (transexualidade, identidade de gênero etc.). Porém, Musskopf enfatiza que a teoria *queer* não surge como uma oposição a teoria feminista de gênero, mas nasceu dela.<sup>47</sup>

Em 1949, Simone de Beauvoir publica a obra “O Segundo Sexo”, que traz grande impacto para os movimentos feministas e de libertação sexual. Beauvoir reconstrói conceitos tradicionais de gênero e sexo. Para ela, o sexo não é resultado de um determinismo biológico:

NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.<sup>48</sup>

Essa famosa declaração foi de grande influência para a teoria *queer*, pois ambas colocam em xeque as condições sexuais e de gênero que eram impostas como regras e consideradas como naturais para o ser humano. Baseando-se nos estudos de Beauvoir, a filósofa Judith Butler realiza suas pesquisas e análises sobre a questão do gênero. Reis afirma que os estudos sobre a

<sup>46</sup> MISKOLCI, Richard. Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre teoria *Queer*. *Revista Florestan*: Graduação em Ciências Sociais da UFSCar, v. 1, n. 2, nov. 2014, p. 8 et seq.

<sup>47</sup> MUSSKOPF, 2005, p. 21.

<sup>48</sup> BEAUVOIR, 1970, p. 9.

teoria *queer* foram encabeçados por essa filósofa.<sup>49</sup>

Butler discute sobre os conceitos de gênero e sexo. Segundo a autora, o gênero é quem determina a identidade do sujeito, não o sexo biológico, pois é determinado pelo que fazemos e vivemos e não pelo que somos. A lógica binária de sexualidade é questionada, pois há outras formas de gênero e sexo que fogem daquilo que é considerado normal.<sup>50</sup>

Outro teórico que trouxe grande contribuição para a construção da teoria *queer* foi Michel Foucault, principalmente com a obra “História da sexualidade I: a vontade de saber”, na qual é feita uma análise sobre as relações de poder e sexualidade. Segundo Foucault, a prática homossexual sempre existiu, porém, a partir de uma determinada época ela passa a ser vista como uma aberração, um tipo de sexualidade perversa. As classes sociais de crianças, de mulheres e, inclusive, a classe trabalhadora, eram objetos de controle, principalmente para a procriação, a fim de que atendessem as demandas do sistema capitalista que estava emergindo. Nessa visão, a burguesia era responsável por esse controle, inclusive a masturbação e a prática da sodomia, para garantir a procriação necessária a fim de atender as demandas capitalistas.<sup>51</sup> Para Marinho e Veras, Foucault foi e, ainda, é uma inspiração para os teóricos *queer*.<sup>52</sup>

<sup>49</sup> REIS, Daniele Fernandes. Ideias Subversivas de Gênero em Beauvoir e Butler. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 360 – 367, 1º sem. 2013, p. 363.

<sup>50</sup> BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 24.

<sup>51</sup> MARINHO, Cristiane Maria; VERAS, Elias Ferreira. **Michel Foucault e a Teoria Queer. Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 11, n. 16, 31 jul. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/issue/view/674>. Acesso em: 11 jun. 2018, p. 22.

<sup>52</sup> MARINHO, 2017, p. 23.

## 2.2 FUNDAMENTOS DA HERMENÊUTICA *QUEER*

A teologia *queer* introduz no pensamento cristão uma ruptura com as abordagens teológicas tradicionais. Musskopf afirma que dessa teologia emerge um novo sujeito.<sup>53</sup> A discussão em torno da prática homossexual baseia-se em alguns pontos fundamentais, Musskopf apresenta:

- a) O conceito de sodomia construído a partir da narrativa de Sodoma e Gomorra;
- b) O código de santidade em Levítico;
- c) A definição paulina das relações homossexuais como “contrária à natureza”.<sup>54</sup>

Há muitos outros textos bíblicos que podem ser discutidos sobre esses tipos de relações. Porém, os textos mencionados por Musskopf são os principais que, durante a história e o desenvolvimento da teologia cristã, foram (e são) utilizados para conceituar e analisar a homossexualidade.

Musskopf afirma que a teologia gay baseia-se nos princípios teológicos e epistemológicos da teologia da libertação,<sup>55</sup> a qual é uma teologia que interpreta a Bíblia sob a perspectiva de um grupo marginalizado pela sociedade em um contexto de opressor e oprimido.

O método hermenêutico utilizado é o histórico-crítico que, segundo Lopes, é caracterizado por uma leitura do Evangelho que procura ver o texto sagrado como se fosse um texto comum e o submete à análise racional, quanto ao seu conteúdo, e literária, quanto à sua composição.<sup>56</sup> Além do mais, os adeptos dessa hermenêutica são aqueles que procuram ler o texto a partir de uma perspectiva ideológica ou política.

<sup>53</sup> MUSSKOPF, André Sidnei. **Via(da)gens teológicas**: itinerários para uma teologia *queer* no Brasil. 2008. 524 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo: EST/PPG, 2008, p. 121.

<sup>54</sup> MUSSKOPF, 2008, p. 120.

<sup>55</sup> MUSSKOPF, 2005, p. 7.

<sup>56</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. A Hermenêutica da Teologia da Libertação: Uma análise de Jesus Cristo Libertador, de Leonardo Boff. *Fides Reformata*, v. 3, n. 2, 1998, p. 3.

Um dos grandes influenciadores dessa leitura hermenêutica é o filósofo alemão Hans-Georg Gadamer,<sup>57</sup> o qual apresenta alguns conceitos bases para que seja realizada a leitura do texto, dentre eles, Lopes apresenta<sup>58</sup>:

1. Fusão de Horizontes<sup>59</sup>: o leitor irá expandir os horizontes do texto (contexto e mundo do autor) adaptando-o para uma nova situação histórica. Nesse caso, há uma fusão de horizontes, os mundos do autor e do leitor se fundem quando se encontram no texto;
2. Rejeição da intenção autoral: a intenção do autor do texto não é decisiva para definir o sentido do texto, visto que este deve ser buscado a partir de um diálogo com o texto no presente;
3. Importância das pressuposições do leitor: Para Gadamer, as pressuposições do leitor são a chave para a compreensão de um dado texto.

Para as igrejas inclusivas é necessário também reconsiderar alguns pontos fundamentais acerca das Escrituras. Em relação à infalibilidade da Bíblia, elas defendem que não se pode afirmar que ela é de todo infalível, visto que não temos os manuscritos originais. Então, não se pode afirmar com absoluta certeza o que continha neles e o que Deus realmente quis dizer, portanto, o que temos hoje são diferentes traduções da Bíblia que apresentam o que os intérpretes pensam sobre o que Deus

<sup>57</sup> O filósofo alemão Hans-Georg Gadamer (1900-2002), autor de “Verdade e método” (1960), é um dos autores mais importantes acerca da hermenêutica contemporânea. Gadamer, lastreado em estudos fenomenológicos, entendia que a tradição não podia mais se apoiar nas interpretações metafísicas da razão. Daí que os estudos gadamerianos estão voltados para a consciência histórica, em que a historicidade do sentido tem papel relevante na autocompreensão que o ser humano alcança como participante e intérprete da tradição histórica. GADAMER, 1960, apud MELLO, Cleyson de Moraes. A hermenêutica de Hans-Georg Gadamer. *Revista Interdisciplinar de Direito*, v. 9, 2012. Disponível em: [http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=8349](http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8349). Acesso em: 02 jul. 2018.

<sup>58</sup> LOPES, 1998 p. 5.

<sup>59</sup> Cf. GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. 7.ed. Petrópolis / Bragança Paulista: Vozes / EDUSF, 2005. (Coleção pensamento humano).

realmente quis dizer. Outro ponto a ser considerado é a contextualização. Os textos bíblicos devem ser mantidos dentro do seu contexto, levando em consideração a época, a cultura e a língua das pessoas a quem o autor estava se dirigindo.<sup>60</sup>

Por último, deve-se considerar também a inspiração divina das Escrituras, a qual deve ser entendida, nessa perspectiva, como algo que acontece quando se abre a Bíblia para ler e nesse momento o Espírito Santo se comunicará diretamente e pessoalmente com cada um. A respeito disso, a reverenda Yvette Dube afirma:

Entendemos também que Deus pretendia que não houvesse uma única interpretação das Escrituras. Cremos que Deus queria que houvesse espaço para várias diferentes interpretações, vários diferentes tipos de entendimento, muitas maneiras diferentes de se olhar as Escrituras, sempre guiadas pelo Espírito Santo [...] Cremos que no coração de Deus exista espaço para todas as maneiras que possamos encontrar para nos trazer para mais próximos de Deus.<sup>61</sup>

Dessa forma, entende-se que a interpretação das Escrituras ocorre de forma pessoal em que o Espírito Santo, através da iluminação, revela ao leitor o sentido da mensagem do texto conforme a necessidade daquele que está lendo as Escrituras, pois há vários tipos de interpretações e o Espírito Santo guiará o leitor nessas diversas formas de se olhar para as Escrituras.

## 2.3 COMO A TEOLOGIA *QUEER* INTERPRETA OS TEXTOS BÍBLICOS

Aqui será apresentada a forma característica com que os adeptos da teologia *queer* interpretam textos bíblicos que tratam da homossexualidade. Serão destacadas a narrativa de Gênesis

<sup>60</sup> DUBE, Yvette. **Homossexualidade e a Bíblia**. Igreja da Comunidade Metropolitana do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.icmrio.com/biblia-e-homossexualidade/>. Acesso em: 13 jun. 2018.

<sup>61</sup> DUBE, 2016.

sobre as cidades de Sodoma e Gomorra, os textos do livro de Levítico e os textos paulinos que tratam as relações homossexuais como “contrárias à natureza”.

### 2.3.1 A narrativa de Sodoma e Gomorra

Segundo a interpretação pela ótica da teologia *queer*, o episódio de Sodoma e Gomorra (Gn 19) não pode ser interpretado como uma condenação à homossexualidade.

A discussão está em torno da palavra **יָדָע** (*yada*) que significa “conhecer”, no sentido de manter relações sexuais. Porém, os teólogos *queer* argumentam que essa palavra foi interpretada de forma maliciosa, visto que das 943 vezes que o verbo *yada* é mencionado no Antigo Testamento, em apenas 10 tem o significado de cópula heterossexual e em nenhuma vez o sentido homossexual. Portanto, conclui-se que a narrativa de Sodoma e Gomorra deve ser excluída das referências contra a homossexualidade.<sup>62</sup>

Argumenta-se também que o pecado condenado de Sodoma e Gomorra foi o da anti-hospitalidade e da injustiça, pois os textos de outros livros do Antigo Testamento atribuem diversos pecados (Ez 16.46; Is 1.9-10), mas não há referências à homossexualidade.<sup>63</sup>

A cidade de Sodoma utilizava a prática da inospitalidade como um mecanismo de defesa contra possíveis abusos estrangeiros, visto que Sodoma era uma cidade muito rica, aqueles que se hospedavam nela eram vistos como alvos de desconfiança. Para os moradores de Sodoma, Ló era forasteiro, portanto, não tinha o direito de receber estrangeiros em sua casa. Dessa forma, despenderam toda a violência narrada em Gn 19 contra a

<sup>62</sup> MEIRA, Rosana Orlandi. **Aconselhamento Pastoral e Homossexualidade**: a dimensão da fé cristã nas angústias da homossexualidade. 2012. 98 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo: EST/PPG, 2012, p. 61.

<sup>63</sup> MEIRA, 2012, p. 6.

família de Ló e seus visitantes.<sup>64</sup>

Nessa mesma linha de interpretação, a palavra *yada* é traduzida como “humilhar”, “diminuir”, “castigar”, mas não há necessidade de atribuir a essa palavra uma ação de relação homossexual.<sup>65</sup> Para Bailey, o pedido dos moradores de Sodoma de “conhecer” os visitantes de Ló era para que estes fossem apresentados a eles. O problema, portanto, era a falta de hospitalidade, visto que este era um costume tratado com muita seriedade entre os antigos orientais, e Ló recebeu dois estrangeiros cujas credenciais não foram examinadas.<sup>66</sup>

### 2.3.2 Código de santidade em Levítico

Segundo Assis, o período em que o texto de Levítico é construído está situado no período de dominação do Império Persa. Ciro conquista a Babilônia e liberta os exilados para que esses retornem a sua terra natal e permite que reconstruam a estrutura religiosa em que viviam antes. Nesse contexto, o livro de Levítico aparece como um instrumento de lei para regulamentar a nova sociedade construída por ex-exilados.<sup>67</sup>

A grande maioria do povo exilado construiu a sua vida social e econômica no império babilônico. Muitos estabeleceram comércios, ocupavam altos cargos e desenvolveram diversas profissões. Por isso, alguns deles decidiram não voltar para a sua terra natal. Porém, aqueles que retornaram receberam propriedades de terra na Palestina.<sup>68</sup>

<sup>64</sup> FOLLIS, Rodrigo; CARMO, Felipe. Homobilismo: abordagens bíblicas pró-homossexuais? *Kerygma*, Engenheiro Coelho, SP, v. 7, n. 2, p. 103–113, 2º sem. de 2011. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/140/139>. Acesso em: 13 ago. 2018, p. 109.

<sup>65</sup> FOLLIS; CARMO, 2011, p. 109.

<sup>66</sup> UKLEJA, Michael P. *A homossexualidade e o Antigo Testamento*. Brasília, 2004. Disponível em: [http://www.monergismo.com/textos/homossexualidade/homo\\_at.htm](http://www.monergismo.com/textos/homossexualidade/homo_at.htm). Acesso em: 02 jun. 2018.

<sup>67</sup> ASSIS, Dallmer Palmeira Rodrigues de. *A homossexualidade desconstruída em Levítico 18.22 e 20.13*. 2006. 151 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, p. 47.

<sup>68</sup> ASSIS, 2006, p. 51.

Observa-se também nesse período uma hostilidade entre Jerusalém e Samaria. Segundo Assis, isso era mais por fatores políticos do que religiosos.<sup>69</sup> Von Rad, porém, explica no prisma teológico sobre a reconstrução do templo que era objeto de discussão entre judeus e samaritanos:

A desconfiança dos samaritanos fundava-se na ambiguidade da renovação cultual. O templo de Salomão era o santuário oficial da dinastia davídica. Como interpretar então o de Zorobabel? A Judeia não era mais um Estado, nem mesmo uma província autônoma, mas estava sujeita ao governador da Samaria, que naturalmente se interessava pelo que acontecia em Jerusalém. Ora, os profetas Ageu e Zacarias haviam efetivamente designado Zorobabel como ungido de Javé (Ag 2.20ss; Zc 4.14) e pareciam ter em mente a restauração do reino de Davi. Mesmo que estas declarações tenham sido feitas sem perspectivas políticas, como tudo indica, restava saber qual seria a situação constitucional desse novo templo. Tornar-se-ia posteriormente uma espécie de centro cultural para a anfictionia de todos os adoradores de Javé? Os samaritanos, porém, não podiam aceitar tal perspectiva tranquilamente, pois, ao que parece, consideravam-se também adoradores de Javé (Ed 4.1ss). Por isso a oposição dos samaritanos aos jerusalemitas tornou-se mais aguçada como a de um “direito contra outro direito”.<sup>70</sup>

É nesse cenário histórico que o livro de Levítico é lido e compreendido. Segundo Assis, nesse período já não há mais uma identidade nacional israelita, mas um colonialismo judaico com diversos grupos étnicos, mas que pertenciam a Samaria. Assim, ele comenta que as listas de prescrições sexuais dos capítulos 18 e 20 de Levítico apresentavam a maior das diferenças entre os variados grupos étnicos na região.<sup>71</sup>

<sup>69</sup> ASSIS, 2006, p. 51.

<sup>70</sup> VON RAD, Gerard. Teologia do Antigo Testamento. 2.ed. São Paulo: ASTE / TARGUMIM, 2006, p. 93.

<sup>71</sup> ASSIS, 2006, p. 52.

Os capítulos 17 a 26 são denominados de “código de santidade” do livro de Levítico, pois representa uma nova forma de ser do indivíduo, uma nova sociedade. Nesse código há a designação “santo”, *קדש* (*qds*), que significa “colocado à parte, separado das outras nações” em relação a Judá.<sup>72</sup> Esse conceito refere-se à separação da comunidade judaica em relação às outras nações. Essa santidade seria caracterizada pelo comportamento referente aos animais impuros, às comidas e às práticas sexuais. Portanto, a palavra *qedosim*, que por muito tempo foi traduzida como “sodomita”, a partir desse entendimento, passa a ser compreendida como prostituto cultual.<sup>73</sup> Acerca do significado dessa palavra, Assis comenta:

De qualquer forma, a ideia principal da palavra, em sua raiz singular ou plural, faz menção às práticas sexuais de fertilidade ou não, e às práticas homossexuais, ou não, que claramente feriam a unicidade divina de YHWH em sua própria terra. Ou seja, os vocábulos *qds* e *qedosim* no “Código de Santidade” intentam para preservação da identidade da comunidade, para que esta não se envolvesse em práticas cúlticas estrangeiras.<sup>74</sup>

Portanto, a proibição encontrada em Levítico 18.22 e 20.13 refere-se a práticas homossexuais entre prostitutos cultuais. Além do mais, seu objetivo era proteger a família, visto que a comunidade judaica estava em processo de reconstrução. Assim, a conclusão que se faz é que a finalidade era proibir práticas que comprometessem esse processo. A homossexualidade, nesse contexto, era proibida quando fosse identificado algum tipo de violência em sua prática.<sup>75</sup>

<sup>72</sup> VON RAD, 2006, p. 75.

<sup>73</sup> VON RAD, 2006, p. 76.

<sup>74</sup> VON RAD, 2006, p. 77.

<sup>75</sup> VON RAD, 2006, p. 114.

### 2.3.3 A definição paulina das relações homossexuais como “contrária à natureza”

O apóstolo Paulo em suas epístolas condena a *porneia* (1Co 5.1-8; 7.1-7; 1Co 6.12-120; 2 Co 12.19-21; Gl 5.16-26; Ef 5.1-20 e 1 Ts 4.1-6), a qual se refere a imoralidade sexual. Segundo Gonçalves, essas relações sexuais condenadas na epístola paulina são vinculadas aos cultos gregos.<sup>76</sup>

Em relação à homossexualidade, as epístolas paulinas utilizam dois termos: *μαλακοὶ* (*malakoi*) (1Co 5.10-11; 6.9-10) e *ἀρσενοκοῖται* (*arsenokoitai*) (1Co 6.9). Porém, essas palavras são utilizadas para se referir às relações homossexuais provenientes da prática de prostituição cultural e não se refere à vida familiar.

Para Gonçalves o texto bíblico em Romanos 1.26: “Pelo que Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza”,<sup>77</sup> faz referência ao sexo anal em relações heterossexuais em contexto religioso pagão. Portanto, o autor conclui que nas epístolas paulinas não há preocupação com relações homossexuais em um contexto de vida familiar, mas as práticas sexuais condenadas pelo apóstolo Paulo eram aquelas utilizadas como expressão religiosa de uma sociedade dominada pelas elites econômicas, diante das quais o cristianismo era apresentado como alternativa mais digna e igualitária.<sup>78</sup>

<sup>76</sup> GONÇALVES, Humberto Maiztegui. Uma abordagem teológico-antropológica da sexualidade na Bíblia. In: CALVANI, Carlos Eduardo (Org.) Bíblia e sexualidade: abordagem teológica, pastoral e bíblica. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 21.

<sup>77</sup> BÍBLIA. Português. Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. A menos que seja indicada em contrário, os textos bíblicos seguem a versão Almeida Revista e Atualizada (ARA).

<sup>78</sup> GONÇALVES, 2010, p. 22.

### 3. PERSPECTIVA REFORMADA SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

Nesta seção, serão feitas reflexões acerca da hermenêutica reformada e as características do seu método interpretativo utilizado para compreender as Escrituras. Também será apresentada a interpretação reformada de textos bíblicos sobre a homossexualidade à luz do método gramático-histórico, que é o método hermenêutico adotado pela teologia reformada.

#### 3.1 A HERMENÊUTICA REFORMADA

Segundo Paulo Anglada, os intérpretes da corrente reformada adotam o método gramático-histórico, o qual não desconsidera nem o caráter divino, nem o humano das Escrituras. Os reformadores reconhecem a origem e autoridade divina das Escrituras.<sup>79</sup> Essa perspectiva rejeita tanto a interpretação alegórica quanto a abordagem crítica racionalista.

Martinho Lutero, reformador que trouxe grande contribuição para essa hermenêutica, entendia que uma interpretação adequada das Escrituras deve concentrar-se na compreensão literal do texto, considerando as condições históricas, o tipo de literatura bíblica, a gramática e o contexto. Calvino, maior exegeta da Reforma, também afirmou que um intérprete deve deixar que o autor diga o que ele de fato diz, em vez de atribuir-lhe o que pensa que ele deva dizer.<sup>80</sup>

Esse método tem como alvo principal identificar a intenção do autor do texto. Para isso, o intérprete utiliza de vários recursos, tais como: análise histórico-cultural; análise léxico-sintática; análise teológica; análise literária; comparação com outros intérpretes; e aplicação.<sup>81</sup>

<sup>79</sup> ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Introdução à Hermenêutica Reformada**: Correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos. Ananindeua: Knox, 2006, p. 60.

<sup>80</sup> VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos da interpretação bíblica. São Paulo: Vida, 1987, p. 48-49.

<sup>81</sup> VIRKLER, 1997, p. 58.

Segundo Kunz, esse método pode ser resumido em três etapas: o que o texto diz, o que quer dizer, e o que quer dizer para nós hoje. Ele também apresenta os passos utilizados para o desenvolvimento desse método:<sup>82</sup>

1. A familiarização e o estabelecimento do texto. O Interpretador deve delimitar o início e o final da perícope e analisar se há existência de alguma variante do texto através da crítica textual;
2. É a identificação do contexto. Deve-se investigar o contexto histórico, literário e cultural;
3. Tradução do texto. O texto deve ser traduzido da forma mais fiel possível, através do auxílio de diversas ferramentas (gramáticas, dicionários, léxicos, chaves linguísticas etc.);
4. Análises sobre o texto e a tradução realizada. São feitas as análises lexical, morfológica e estilística;
5. Síntese. Um resumo de todos os passos anteriores com o acréscimo da correlação (referências cruzadas, esboço, gráficos etc.), atualização (aplicação do texto para os dias atuais) e aplicação do texto (verdades do texto que devem ser colocadas em prática para o ouvinte).

### **3.2 INTERPRETAÇÃO REFORMADA DE TEXTOS BÍBLICOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE**

Neste tópico são apresentados os textos bíblicos que tratam de homossexualidade, tais como a narrativa de Sodoma e Gomorra (Gn 19.1-11), o código de santidade em Levítico e a definição paulina das relações homossexuais definidas como “contrárias à natureza”. Esses textos serão agora analisados à luz da interpretação reformada das Escrituras.

<sup>82</sup> KUNZ, Claiton André. Método histórico-gramatical. *Via teológica*, n. 16, v. 2, p. 23-53, 2008, p. 15-16.

### 3.2.1 A narrativa de Sodoma e Gomorra (Gn. 19.1-11)

A interpretação cristã reformada entende que Sodoma e Gomorra foram destruídas por causa da maldade humana, incluindo a prática homossexual.<sup>83</sup>

Na narrativa, é expresso o desejo homossexual dos homens pelos anjos que estavam na casa de Ló: “E chamaram Ló e disseram-lhe: *Onde estão os varões que a ti vieram nesta noite? Traze-os fora a nós, para que os conheçamos*” (Gn 19.5, grifo nosso). Em resposta a isso, Ló oferece as suas duas filhas virgens para que fizessem o que quiser com elas. Isso deixa evidente a intenção sexual dos habitantes de Sodoma.

A palavra “conhecer” empregada no texto, em hebraico *yada*, traz a ideia de relação sexual, pois, no mesmo contexto, Ló utiliza a mesma palavra para se referir as suas filhas virgens, e no texto literal em hebraico diz que “não conheceram homem”. Além do mais, o uso dessa palavra ocorre doze vezes em Gênesis e em todas elas refere-se a relações sexuais.<sup>84</sup> Ankerberg e Weldon defendem a hipótese de que, agindo assim, Ló “estava propondo uma desgraça menor (estupro heterossexual) no lugar de uma desgraça maior (estupro homossexual)”.<sup>85</sup>

Além do mais, esse argumento pode ser corroborado pelo texto de Judas 7, pois ele se refere a imoralidade sexual dos habitantes de Sodoma e Gomorra de maneira mais direta. Judas utiliza o termo ἐκπορνεύω (*ekpornew*), cujo prefixo dessa palavra εκ (*ek*) sugere “ir contrário ao curso natural”.<sup>86</sup> Derek Kidner, por sua vez, afirma que “o termo outra ‘carne’ poderia significar atos sexuais não naturais entre homens ou até de seres humanos

<sup>83</sup> SANTOS, Valdeci da Silva. Uma perspectiva cristã sobre a homossexualidade. *Fides Reformata*, v. 3, n. 1, p. 99-132, 2003.

<sup>84</sup> JULIÃO, Jônatas Heller; NETO, Tiago Abdalla T.; SOUZA, Vinícius Nascimento. 2005. 38 f. **A homossexualidade e a necessidade de uma abordagem cristã**. Monografia (Curso de Bacharel em Teologia) – Seminário Bíblico Palavra da Vida, Atibaia, SP, 2005. p. 20.

<sup>85</sup> ANKERBERG; WELDON, 1997 apud SANTOS, 2003, p. 117.

<sup>86</sup> GREEN, Michael. **2 Pedro e Judas**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1983, p. 181.

com animais”<sup>87</sup>.

Conclui-se que a homossexualidade de Sodoma e Gomorra foi uma das causas do juízo de Deus sobre as cidades e que este foi um dos exemplos mais vívidos do julgamento divino contra a homossexualidade no Antigo Testamento.<sup>88</sup>

### 3.2.2 O código de santidade em Levítico

No Texto de Levítico 18.22, a homossexualidade é definida como uma abominação aos olhos do Senhor. Donald J. Wodd conclui que as palavras usadas nesses versos evidenciam que “toda relação sexual envolvendo pessoas do mesmo gênero são categoricamente proibidas. O escritor bíblico não permite transigências. A linguagem é enfática”.<sup>89</sup>

MacArthur considera que esse versículo condena todo tipo de homossexualidade.<sup>90</sup> Além disso, Sam Alberry argumenta que o comportamento homossexual não é o único pecado descrito como “abominação” na Bíblia, há outros pecados sexuais em Levítico que são definidos da mesma forma.<sup>91</sup>

Em Levítico 20.13, a homossexualidade é definida da mesma forma, como abominação. O propósito desse texto não está relacionado à idolatria cananita, mas seu objetivo central é proibir todo e qualquer desvio do propósito santo de YHWH para a família.<sup>92</sup>

Norman Geisler argumenta que na lei mosaica a proibição contra a homossexualidade é moral, não apenas cerimonial. Se fosse restringido à questão cerimonial, então da mesma forma o estupro, o incesto e a bestialidade não seriam considerados pecados condenáveis, visto que eles também são proibidos no mesmo capítulo que condena os pecados homossexuais. Além

<sup>87</sup> ANKERBERG; WELDON, 1997 apud SANTOS, 2003, p. 118.

<sup>88</sup> ANKERBERG; WELDON, 1997 apud SANTOS, 2003, p. 118.

<sup>89</sup> WOLD, 1998 apud SANTOS, 2003, p. 119.

<sup>90</sup> BÍBLIA. **Bíblia de Estudo MacArthur**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 169.

<sup>91</sup> ALBERRY, Sam. **Deus é contra os homossexuais?** Brasília: Monergismo, 2018, p. 31.

<sup>92</sup> JULIÃO; NETO; SOUZA, op. cit, p. 23.

do mais, na lei levítica havia diferenças de punições. Aquele que comia dos alimentos proibidos pela lei era punido com alguns dias de isolamento, porém quem praticasse a homossexualidade seria punido com a pena de morte (Gn 18.29).<sup>93</sup>

### 3.2.3 A definição paulina das relações homossexuais como “contrária à natureza”

Segundo a perspectiva reformada, a definição paulina das relações “contrárias à natureza” refere-se ao comportamento homossexual masculino e feminino, pois é um comportamento contrário ao modo fixo das coisas da criação, além de ser resultado de desejos distorcidos, resultantes da natureza caída do ser humano.<sup>94</sup>

Kevin DeYoung comenta que a expressão “contrária à natureza”, em grego *παρὰ φύσιν* (*para physin*), era comumente usada no mundo antigo para falar de formas de atividade sexual anormais, especialmente o comportamento homossexual.<sup>95</sup> Portanto, DeYoung conclui que o pensamento de Paulo a respeito da homossexualidade é enfático: o povo de Deus não deve se envolver em comportamento homossexual ou dar aprovação àqueles que o fazem.<sup>96</sup>

Essa definição paulina em Romanos 1.26 refere-se à natureza biológica e não à natureza sociológica de tais práticas. Afinal, desde o princípio, Deus ordenou que o sexo fosse de orientação heterossexual e isso foi definido em termos biológicos, pois a reprodução só pode ocorrer entre homem e mulher (Gn 1.27-28). A orientação sexual é entendida a partir da perspectiva biológica, e não sociológica.<sup>97</sup> Portanto, o apóstolo Paulo

<sup>93</sup> GEISLER, Norman L. *Ética Cristã: opções e questões contemporâneas*. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 337.

<sup>94</sup> ALBERRY, 2018, p. 32 – 33.

<sup>95</sup> DEYOUNG, Kevin. *O que a Bíblia ensina sobre a homossexualidade?* São José dos Campos, SP: Fiel, 2016, p. 104.

<sup>96</sup> DEYOUNG, 2016, p. 111.

<sup>97</sup> GEISLER, 2010, p. 340.

mostra que a relação homossexual é contrária a relação sexual natural definida biologicamente por Deus, além de ser um pecado condenado e um sinal do juízo divino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: HÁ PONTOS EM COMUM?

Pode-se observar que há diferenças fundamentais nos métodos utilizados pela teologia *queer* e pela reformada. Os teólogos *queer* utilizam o método histórico-crítico e a hermenêutica filosófica de Gadamer para interpretar os textos bíblicos e apresentam a proposta de inclusão de homossexuais praticantes na comunidade cristã, enquanto que a teologia reformada utiliza o método gramático-histórico e entende que a relação homossexual é condenada pelas Escrituras.

A teologia *queer* utiliza o mesmo método interpretativo da teologia da Libertação, a qual utiliza o método histórico-crítico para fazer uma releitura das Escrituras. A proposta da teologia *queer*, a partir do uso desse método, é interpretar o Evangelho sob a perspectiva de uma minoria marginalizada, nesse caso, os homossexuais. Essa visão também entende que a homossexualidade é algo inerente à condição humana, sendo tão natural quanto qualquer característica física que se possui. Portanto, os homossexuais devem ser inseridos na comunidade cristã, visto que sua condição não é condenável pelas Escrituras.

Essa teologia também possui embasamento teórico no movimento feminista. Principalmente através das obras de Simone de Beauvoir e Judith Butler, que lançaram os pressupostos necessários para a elaboração de uma teologia que aceite o movimento homossexual dentro da comunidade cristã.

A teologia reformada, por sua vez, interpreta as Escrituras a partir do método gramático-histórico, cuja forma de interpretação é completamente diferente do método utilizado pela teologia *queer*. Enquanto esta interpreta a partir dos pressupostos

do leitor, e não da intenção do autor do texto, a leitura bíblica reformada possui o objetivo de investigar a intenção do autor bíblico, procurando descobrir o que ele quis dizer. Além do mais, esse método possui como princípio que as Escrituras são a única regra de fé e prática do cristão.

## HÁ PONTOS EM COMUM?

Para os teólogos *queer*, a Bíblia não condena a homossexualidade. Os textos bíblicos que antes eram entendidos como evidenciando a inadequação do comportamento homossexual, agora são reinterpretados a fim de demonstrar que a prática homoafetiva sempre existiu e que, mesmo em um contexto bíblico, não era condenável. Entendem que as Escrituras apenas condenam as relações homossexuais que eram praticadas em cultos idólatras.

102

Acerca da narrativa de Sodoma e Gomorra, entende-se que o pecado condenado era a falta de hospitalidade e não a homossexualidade. Também, no código de santidade em Levítico 17, o tipo de prática homossexual condenada era aquela praticada como prostituição cultural para outros deuses, mas a relação homossexual fora do contexto idólatra não é considerada pecado. Por fim, o texto paulino de Romanos 1.26, que trata das relações “contrárias à natureza”, é interpretado que Paulo está se referindo ao sexo anal em relações heterossexuais, portanto, não há condenação da homossexualidade nas epístolas paulinas.

A interpretação reformada, porém, conclui que todos esses textos bíblicos supracitados claramente consideram a homossexualidade como um comportamento fora do padrão divino. Entende que a destruição de Sodoma e Gomorra ocorreu devido aos diversos pecados cometidos pelos habitantes dessa cidade, inclusive, a prática de relações homossexuais. Quando aqueles homens pedem para conhecer os visitantes de Ló, conforme a narrativa de Gênesis 19, eles estão se referindo ao desejo de manter relações sexuais com aqueles visitantes, no caso, os an-

jos. Portanto, a homossexualidade está incluída na prática de pecados que ocasionaram a destruição de Sodoma e Gomorra.

Em relação ao código de santidade em Levítico, os teólogos reformados entendem que há uma clara condenação à prática de relações homossexuais, inclusive ela é definida como abominação aos olhos do Senhor. E não há referências à prostituição cultural, pois essa proibição é de natureza moral e não cerimonial.

Por fim, a expressão paulina “contrária à natureza” refere-se a relações homossexuais tanto de homens quanto de mulheres. Paulo está mostrando que a homossexualidade é um sinal do juízo de Deus e resultado dos desejos pecaminosos e distorcidos do ser humano, além de ser uma prática antinatural do ser humano. Portanto, para a teologia reformada, a homossexualidade é um pecado, sendo considerada como um comportamento inadequado pelas Escrituras.

Logo, não há pontos em comum, visto que cada teologia interpreta as Escrituras, conceitos doutrinários e textos bíblicos à luz de seu próprio método interpretativo, gerando, assim, teologias diferentes e opostas.

Entende-se que Santos acerta ao refletir que “Dentre os muitos desafios morais que a igreja cristã deve lidar no início do século 21, o tema da homossexualidade tem exigido urgência na resposta”.<sup>98</sup> Assim, esse artigo, ancorado em uma leitura reformada das Escrituras, visou introduzir o debate acerca da realidade de igrejas protestantes mudarem sua concepção sobre a homossexualidade.

Nesse sentido, devem-se privilegiar na academia os debates respeitosos, plurais metodologicamente, mesmo quando existirem discordâncias cruciais. O debate sobre essa temática deve ser feito de forma científica, respeitosa e com *bona fide*.

<sup>98</sup> SANTOS, 2003, p. 99.

## REFERÊNCIAS

AGUILAR, Márcia Adriana Brasil; GONÇALVES, Josiane Peres. Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de sua história e propostas. **Revista Conhecimento Online**, ano 9, v. 1, p. 36-44, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/issue/view/63/showToc>. Acesso em: 07 mai. 2018.

ALBERRY, Sam. **Deus é contra os homossexuais?** Brasília: Monergismo, 2018.

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Introdução à Hermenêutica Reformada**: Correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos. Ananindeua: Knox, 2006.

ASSIS, Dallmer Palmeira Rodrigues de. **A homossexualidade desconstruída em Levítico 18.22 e 20.13**. 2006. 151 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 2.ed. Difusão Europeia do Livro, 1970.

BÍBLIA. **Bíblia de Estudo MacArthur**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

BÍBLIA. Português. **Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

BLOG A TEOLOGIA DO DIFERENTE. **Hermenêutica queer**: teoria e métodos. Salvador, 2011. Disponível em: <http://hermeneuticadosexcluidos.blogspot.com/2011/06/hermeneutica-queer-teoria-e-metodos.html>. Acesso em: 05 mai. 2018.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CENTRO de Estudos Bíblicos. **“Uma brecha no armário” para entender a diversidade** [Entrevista com André Musskopf. São Leopoldo, RS. Disponível em: <https://cebi.org.br/noticias/uma-brecha-no-armario-para-entender-a-diversidade-entrevista-com-andre-musskopf/>. Acesso em: 30 nov. 2018.

COELHO JUNIOR, Carlos Lacerda. **A emergência de uma teologia queer**: uma breve análise sobre as influências do movimento feminista e homossexual no processo de reconfiguração do sagrado. Universidade Federal de Alagoas: PPGS/ICS/UFAL, 2012. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/view/114>. Acesso em: 15 nov. 2018.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Declaração da Diretoria da Convenção Batista Brasileira sobre a aceitação de pessoas homo afetivas no rol de membros da Igreja Batista do Pinheiro, Maceió, AL**. Disponível em: [http://batistas.com/images/pdfs/DOC%20CBB%20-%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20IPinheiros\\_final.pdf](http://batistas.com/images/pdfs/DOC%20CBB%20-%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20IPinheiros_final.pdf). Acesso em: 14 ago. 2019.

DEYOUNG, Kevin. **O que a Bíblia ensina sobre a homossexualidade?** São José dos Campos: Fiel, 2016.

DUBE, Yvette. **Homossexualidade e a Bíblia**. Igreja da Comunidade Metropolitana do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.icmrio.com/biblia-e-homossexualidade/>. Acesso em: 13 jun. 2018.

FISCHER, Joachim. A presença luterana. In: Comissão Latino-Americana da Federação Luterana Mundial. **Uma coletânea de informações sobre a vivência dos evangélicos luteranos no Brasil**. São Leopoldo: Sinodal, 1970.

FOLLIS, Rodrigo; CARMO, Felipe. Homobilismo: abordagens bíblicas pró-homossexuais? **Kerygma**, Engenheiro Coelho, SP, v. 7, n. 2, p. 103-113, 2º sem. de 2011. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/140/139>. Acesso em: 13 ago. 2018.

FRIBERG, Barbara; FRIBERG, Timothy. **O Novo Testamento Grego Analítico**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. 7.ed. Petrópolis / Bragança Paulista: Vozes / EDUSF, 2005. (Coleção pensamento humano).

GEISLER, Norman L. **Ética cristã: opções e questões contemporâneas**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

GINGRICH, F. W.; DANKER, F. W. **Léxico do N.T. Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

106

GOMES, Ronaldo Martins. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Pará: opções teológicas, feminilidade e direitos humanos. In: BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira; REIS, Gustavo Sodati (Orgs.). **Evangélicos na Amazônia paraense**. Juiz de Fora: Siano, 2018.

GONÇALVES, Humberto Maiztegui. Uma abordagem teológico-antropológica da sexualidade na Bíblia. In: CALVANI, Carlos Eduardo (Org.) **Bíblia e Sexualidade: abordagem teológica, pastora e bíblica**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

GREEN, Michael. **2 Pedro e Judas: introdução e comentário**. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação: Perspectivas**. São Paulo: Loyola, 2000.

IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL. **IEAB emenda seus cânones e permite o matrimônio entre pessoas do mesmo sexo.** Disponível em: <http://sn.ieab.org.br/2018/06/01/ieab-emenda-seus-canones-e-permite-o-matrimonio-entre-pessoas-do-mesmo-sexo/>. Acesso em: 02 set. 2019

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA EM BELÉM. **A caminho em terras brasileiras:** A criação de comunidades evangélicas no Brasil. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo/a-caminho-em-terras-brasileiras>. Acesso em: 20 ago. 2018.

JULIÃO, Jônatas Heller; NETO, Tiago Abdalla T.; SOUZA, Vinícius Nascimento. 2005. 38 f. **A homossexualidade e a necessidade de uma abordagem cristã.** Monografia (Curso de Bacharel em Teologia) – Seminário Bíblico Palavra da Vida, Atibaia, SP, 2005.

KIRCHHEIM, Huberto. Portal Luteranos. **Homossexualidade – 1999.** Mai. 1999. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo/homossexualidade-1999>. Acesso em: 27 nov. 2018.

KUNZ, Claiton André. Método histórico-gramatical. **Via teológica**, n. 16, v. 2, p. 23-53, 2008.

LOPES, Augustus Nicodemus. A Hermenêutica da Teologia da Libertação: Uma análise de Jesus Cristo Libertador, de Leonardo Boff. **Fides Reformata**, v. 3, n. 2, 1998.

MARCELINO, Giovanna. **As sufragistas e a primeira onda do feminismo.** Disponível em: <http://movimentorevista.com.br/2018/02/3801/>. Acesso em: 05 mai. 2018.

MARINHO, Cristiane Maria; VERAS, Elias Ferreira. Michel Foucault e a Teoria *Queer*. **Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 11, n. 16, 31 jul. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/issue/view/674>. Acesso em: 11 jun. 2018.

MEIRA, Rosana Orlandi. **Aconselhamento Pastoral e Homossexualidade**: a dimensão da fé cristã nas angústias da homossexualidade. 2012. 98 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo: EST/PPG, 2012.

MELLO, Cleyson de Moraes. A hermenêutica de Hans-Georg Gadamer. **Revista Interdisciplinar de Direito**, v. 9, 2012. Disponível em: [http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=8349](http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8349). Acesso em: 02 jul. 2018.

MISKOLCI, Richard. A teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre teoria *Queer*. **Revista Florestan**: Graduação em Ciências Sociais da UFSCar, v. 1, n. 2, nov. 2014.

108

MUSSKOPF, André Sidnei. À meia luz: a emergência de uma teologia gay, seus dilemas e possibilidades. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo – RS: Instituto Humanas Unisinos, ano 3, n. 32, 2005. Disponível em: <http://hermeneuticadosexcluidos.blogspot.com/2011/06/hermeneutica-queer-teoria-e-metodos.html>. Acesso em: 05 mai. 2018.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Via(da)gens teológicas**: itinerários para uma teologia *queer* no Brasil. 2008. 524 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo: EST/PPG, 2008.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PORTAL Luteranos. **Ministério Eclesiástico e Homossexualidade – 2001**. Posicionamento do Conselho da Igreja. Ago. 2001. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo/ministerio-eclesiastico-e-homossexualidade-2001>. Acesso em: 27 nov. 2018.

REIS, Daniele Fernandes. Ideias Subversivas de Gênero em Beauvoir e Butler. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 360-367, 1º sem. 2013.

SANTOS, Valdeci da Silva. Uma perspectiva cristã sobre a homossexualidade. **Fides Reformata**, v. 3, n. 1, p. 99-132, 2003.

SILVA, Antônio Carlos Teles da. **As origens do movimento ecumênico da Amazônia paraense**. 2005. 201 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, Porto Alegre, RS.

VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada: Princípios e processos da interpretação bíblica**. São Paulo: Vida, 1987.

VON RAD, Gerard. **Teologia do Antigo Testamento**. 2.ed. São Paulo: ASTE / TARGUMIM, 2006.

UKLEJA, Michael P. **A homossexualidade e o Antigo Testamento**. Brasília, 2004. Disponível em: [http://www.monergismo.com/textos/homossexualidade/homo\\_at.htm](http://www.monergismo.com/textos/homossexualidade/homo_at.htm). Acesso em: 02 jun. 2018.

## Entrevistas

BETÂNIA, Maria (nome fictício). **Entrevista I**. [nov. 2018]. Entrevistadora: Bianca Rego Farias. Belém/PA, 2018. 1 arquivo .mp3 (38 min. 53s.).

ROBERTA; CARLA (nomes fictícios). **Entrevista II**. [nov.2018]. Entrevistadora: Bianca Rego Farias. Belém/PA, 2018. 1 arquivo .mp3 (38 min. 45s.).

